

cinemateca
2025/2027



Viagem ao Fim do Mudo

VIAGEM AO FIM DO MUDO

Muito em breve, o cinema sonoro será centenário: em outubro de 2027, assinalam-se os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado. Começava a era dos "talkies", que rapidamente se tornaram a norma da produção cinematográfica. Foi um momento traumático para toda uma geração de cineastas, atores e, mesmo, espectadores, criados e formados no cinema como "arte do silêncio". Está hoje perdido na nuvem do tempo e nos documentos da imprensa da época, mas o debate foi intenso, e nalguns casos o desgosto também – no princípio dos anos 30 ainda havia quem acreditasse (ou desejasse) que os "talkies" fossem apenas uma "moda", e que em breve o cinema voltaria à sua silenciosa condição "natural". Outros, com maior ou menor entusiasmo, perceberam imediatamente que se tratava de um ponto de não retorno, e que doravante o cinema seria assim, falado e sonorizado, e profundamente transformado quer no modo da sua feitura quer no modo da sua fruição.

O cinema mudo não morreu em 1927, sabemos bem como até ao fim da década ainda se estrearam filmes sem som (e muitos objetos "híbridos"), e como em certas partes do mundo a produção corrente não aderiu

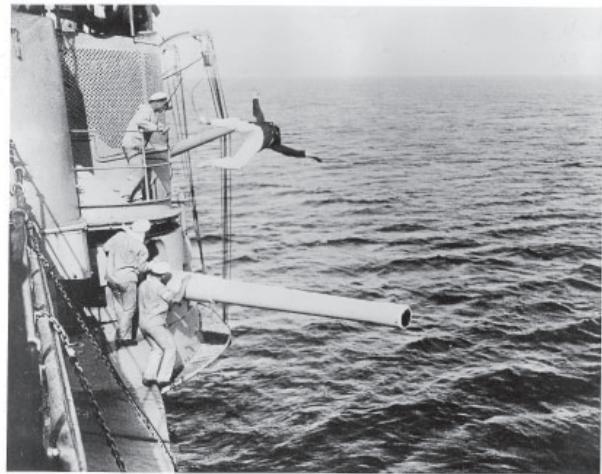
em massa à novidade técnica, continuando a produzir filmes mudos durante a primeira metade da década de 1930, sem falar dos casos de obstinação e teimosia, como o de Chaplin, que em 1936 ainda estreava filmes (MODERN TIMES) em que a ausência de diálogo e som síncrono correspondia um a gesto deliberado. Mas, simbolicamente, é claro que o cinema mudo – a era do cinema mudo – chegou ao fim em 1927, e que a estreia do primeiro "talkie" representou a certidão de um óbito anunciado. Muito em breve, portanto, todo o cinema mudo terá mais de cem anos.

É uma fronteira simbólica demasiado forte para não ser assinalada. Para um observador situado nos anos 1960, metade da História do cinema era, grosso modo, muda; para um observador situado nos nossos dias, a proporção é completamente diferente: a época muda corresponde a um quinto da História do cinema. É a esse quinto que este Ciclo se dedica. Sempre evitámos, nesta Cinemateca, tornar o cinema mudo num "tema" por si próprio, e procurámos mostrá-lo em articulação natural com o restante património cinematográfico. E claro que o continuaremos a fazer. Mas, ao mesmo tempo, porque não olhar para o cinema mudo justamente a partir dessa condição, e das condições de uma época que chegou abruptamente ao fim há perto



de cem anos? Porque não olhar para o espetáculo do cinema mudo com atenção a tudo o que há de intrínseco, específico e irrepetível nesse espetáculo? É, resumidamente, o que este Ciclo se propõe fazer, como rubrica regular de programação. Até ao final de 2027, três sessões por mês. Grandes clássicos e filmes recuperados do esquecimento – porque, e isto importa ser dito, a época muda ainda é hoje um campo de trabalho ativíssimo no domínio da “arqueologia” do cinema, e do trabalho de recomposição e restauro, que periodicamente traz, por paradoxal que pareça, “novidades”, e a redescoberta de filmes que ninguém via há mais de cem anos.

Uma viagem ao fim do mudo, ou à docura dos dias antes da revolução sonora: esta é a proposta.



Luís Miguel Oliveira

OS PIANISTAS

DANIEL SCHVETZ Compositor e pianista luso–argentino, professor de Composição e Análise Musical no Conservatório Nacional e na Metropolitana, colaborador do CESEM da NOVA FCSH. Divulgador, arranjador e intérprete do repertório latino–americano tanguero; conferencista e analista do repertório musical erudito dos séculos XX e XXI, com ensaios críticos sobre a obra de Bartók, Ligeti e Bill Evans. Compôs três óperas, concertos para instrumentos solistas e orquestra, obras corais e de câmara, ciclos de canções baseadas em poetas como Lorca, Pessoa, Borges, Vallejo, Camões e Natália Correia. Colaborou com a Orquestra Sinfônica Portuguesa, a OML, o Coro Lisboa Cantat, Camané, Ricardo Ribeiro, Mísia, João Baradas, Sérgio Carolino e o Remix Ensemble. É pianista residente na Cinemateca Portuguesa desde 1999.



FILIPE RAPOSO Iniciou os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem o mestrado em Piano Jazz Performance pelo Kungl. Musikhögskolan i Stockholm (Royal College of Music) e foi bolseiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como pianista, compositor e orquestrador tem colaborado com inúmeras orquestras internacionais, apresentando-se em importantes salas como Sala de São Paulo, Bozar, Ópera de Rouen, Fundação Gulbenkian, CCB. Em 2025, foi premiado no Festival de Cinema de Málaga pela composição original do filme LO QUE QUEDA DE TI de Gala Gracia. Desde 2004 que colabora com a Cinemateca Portuguesa como pianista residente no acompanhamento de filmes mudos. A convite da Cinemateca Portuguesa compôs e gravou a banda sonora para as edições em DVD de filmes portugueses de cinema mudo: LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA de Leitão de Barros, tendo ganho uma Menção Honrosa no Festival II Cinema Ritrovato em Bolonha, O TÁXI N.º 9297 de Reinaldo Ferreira, FREI BONIFÁCIO e BARBANEGRA de Georges Pallu, NAZARÉ, PRAIA DE PESCADORES de Leitão de Barros.



JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA Compositor-pianista associado ao jazz e à música criativa improvisada, desempenhou também um papel de relevo na música popular portuguesa e foi concertista numa fase inicial da sua carreira. A sua discografia em nome próprio denota cerca de três fases distintas do seu percurso criativo: uma primeira, em que se destacou como um dos pioneiros e principais compositores do chamado jazz português; uma segunda, em que se aproxima do jazz de vanguarda; e uma terceira, em curso, de orientação mais europeia. Ao longo dos anos, a escrita de canções tem também ocupado uma parte significativa da sua produção. Tem, além disso, explorado ligações da música com outras artes, como o cinema, a fotografia ou o teatro, sendo ainda tradutor e poeta, com vários livros publicados.





► Segunda-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WIND

O Vento

de Victor Sjöström

com Lilian Gish, Lars Hanson

Estados Unidos, 1928 – 95 min / mudo | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

THE WIND talvez seja a obra-prima absoluta do grande Victor Sjöström. Este mestre da paisagem no cinema troca as extensões geladas dos seus filmes suecos pela aridez de um deserto americano. Um filme mudo que nos faz “ouvir” o assobio ameaçador do vento, que sopra com violência em volta de uma casa no deserto, onde uma mulher tem de lutar também contra a paixão desenfreada de um homem. Sjöström constrói uma atmosfera de pesadelo com base apenas na sugestão. Um dos pontos altos do cinema mudo, reforçado pela presença inesquecível de Lillian Gish.

SETEMBRO '25

► Sexta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRONENOSETS POTIOMKINE

O Couraçado Potiomkine

de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky

URSS, 1925 – 71 min/mudo, com intertítulos em russo, traduzidos em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Na primeira metade dos anos 1920, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O COURAÇADO POTIOMKINE é, sem dúvida, a mais célebre destas obras. Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda sobre a Revolução de 1905 um momento a b s o l u t a m e n t e eletrizante, com a mais célebre sequência da História do cinema: o massacre na escadaria de Odessa.





► Sexta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DER LETZTE MANN

O Último dos Homens

de Friedrich Wilhelm Murnau

com Emil Jannings, Maly Delschaft,
Emilie Kurtz, Max Hiller, Georg John

Alemanha, 1924 – 100 min / mudo, sem intertítulos | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Referência incontornável do *Kammerspiel*, a corrente “realista” do cinema mudo alemão, cujo principal teórico foi o argumentista Carl Mayer, o filme de Murnau é uma obra-prima absoluta, na qual confluem registos de carácter distinto, luz e sombras expressionistas, um brilhante exercício de cinema como o famoso plano-sequência inicial, a imagem recorrente de uma porta giratória que convoca a ideia da própria vida. Construído à volta do acontecimento banal da substituição do velho porteiro de um grande hotel remetido a responsável pelos lavabos, de acordo com os postulados do “cinema de câmara” – sem intertítulos,

espacialmente concentrado –, o filme transcende a dimensão realista da questão económico-social em causa, aproximando-se de um aspecto simbólico, representado pela perda do uniforme pelo porteiro (a criação maior de Emil Jannings), assim reduzido a ser o “último dos homens”. Nas cópias originais, que os restauros respeitam, um epílogo em *happy-end* dá uma reviravolta ao sombrio final.



OUTUBRO '25

Segunda etapa desta Viagem, nova rubrica regular da Cinemateca que decorrerá até 2027 (data em que se assinalam os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado) com uma proposta de três sessões por mês.

► Quinta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TAKOVÝ JE ZIVOT

Assim é a Vida
de Carl Junghans
com Vera Baranovskaja, Theodor Pistek, Valeska Gert
Checoslováquia, 1929 – 82 min / mudo, intér titulos em alemão legendados
eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Bela e rara produção checa, realizada pelo alemão Carl Junghans. A obra tem alguma semelhança com os filmes “de câmara” (*Kammerspiel*) alemães do período, embora a maioria dos críticos da época tenha louvado o realismo da obra. No papel principal, o de uma velha lavadeira, Vera Baranovskaja, imortalizada em A MÃE, de Pudovkine. Um filme que se situa entre o que de melhor se fez no período na Europa, no qual o realizador “é capaz de transfigurar uma imagem banal num momento de poesia” (Manuel Cintra Ferreira), o que é uma das características do bom cinema mudo.





► Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SEVENTH HEAVEN

A Hora Suprema

de Frank Borzage

com Janet Gaynor, Charles Farrell,
Ben Bard, Albert Gran, David Butler

Estados Unidos, 1927 – 110 min / mudo, intérrompidos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

O mais famoso dos melodramas dirigidos por Frank Borzage, onde Janet Gaynor tem uma sublime composição, formando um par com Charles Farrell que se tornou popularíssimo. "America's lovebirds" chamaram-lhes. SEVENTH HEAVEN é uma história de amor entre dois seres que enfrentam a adversidade e a guerra para voltarem a estar juntos, num dos finais mais "delirantes" da História do cinema.

► Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE KID

O Garoto de Charlot

de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Jackie Coogan, Edna Purviance, Charles Reisner, Lita Grey

Estados Unidos, 1921 – 68 min / mudo com intérrompidos em inglês legendados eletronicamente em português | M/6

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Primeira longa-metragem de Chaplin após as centenas de títulos de formato curto que o popularizaram, mistura de burlesco e *pathos* (o sonho do paraíso, a criança abandonada), THE KID é um filme prodigioso, e hoje uma obra-prima da História do cinema. No papel do Vagabundo, Chaplin cuida da personagem do Garoto (que revelou Jackie Coogan lançando a moda dos "meninos-prodigios"), que toma por orfão e com quem estabelece uma ligação de compaixão e companheirismo na liberdade do sonho e das ruas da cidade. "Um filme com um sorriso – e, talvez, uma lágrima." A apresentar em cópia digital.



NOVEMBRO '25

T

erceira e nova etapa desta Viagem, recém-criada “rubrica regular” da Cinemateca (porque decorrerá até 2027, data em que se assinalam os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado), com uma proposta de três sessões por mês.

► Sexta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FOOLISH WIVES

Esposas Levianas

de Erich von Stroheim

com Erich von Stroheim, Rudolph Christians, Mae Busch

Estados Unidos, 1922 – 157 min / mudo, intertítulos em inglês e legendas eletrónicas em português | M/12

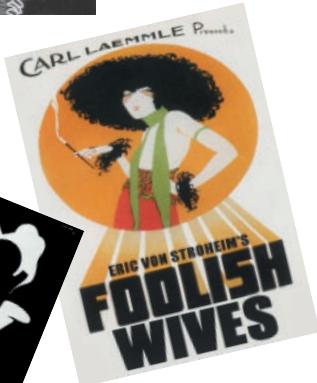
COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Uma das obras-primas do cinema mudo, onde Stroheim não se poupou a esforços para transmitir a visão realista que pretendia, chegando a construir em estúdio uma réplica do casino de Monte Carlo quase do tamanho do original. É uma história de sedução, chantagem e crime, tendo por personagens a aristocracia europeia decadente e a alta burguesia americana. Prefigurando os problemas que viria a ter com GREED, Stroheim viu o estúdio tirar-lhe o controlo da montagem. A versão de estreia, em 1922, tinha perto de três horas, mas a relativamente fraca bilheteira levou a Universal a uma

remontagem ainda durante a carreira comercial do filme. Essa segunda versão de estreia, com perto de 1h40 de duração, foi a base das cópias de FOOLISH WIVES que se viram durante décadas, com a anuência do próprio Stroheim, que julgava perdida qualquer outra versão. O que vamos apresentar nesta sessão, pela primeira vez em Portugal, é uma reconstrução recentemente estreada (em 2020), fruto de uma colaboração entre o MOMA e o laboratório L’Immagine Ritrovata (Bolonha), feita a partir de cópias sobreviventes, e entretanto encontradas, da primeira versão de estreia, na maior aproximação possível ao que só os primeiros espectadores do filme, há 103 anos, puderam ver.

Filme restaurado pelo The Museum of Modern Art e o San Francisco Silent Film Festival, com o apoio de Ira Resnick, Cineteca di Bologna, National Film Archive of Monaco, Sunrise Foundation for Education and the Arts, Rick Anderson, John e Susan Sinnott, e apoiantes do San Francisco Silent Film Festival Film Preservation Fund.





► Sexta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GÖSTA BERLINGS SAGA

A Lenda de Gösta Berling

de Mauritz Stiller

com Greta Garbo, Lars Hanson

Suécia, 1924 – 180 min / mudo, intéralfônico em sueco legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVEZ DA SILVA

O filme que revelou uma jovem vedeta: Greta Garbo. Baseado num romance de Selma Lagerlöf situado no início do século XIX, o filme conta a história de um pastor protestante que abandona a igreja e, depois de muitas peripécias, casa-se com a prima da mulher que ama. Mauritz Stiller, um dos raros mestres consagrados do cinema, com Friederich Murnau, a ter trabalhado unicamente no período mudo, fez um verdadeiro fresco, que contém momentos de antologia como o da perseguição dos lobos ao trem ou o incêndio de uma mansão. Este filme valeu a Stiller um contrato para Hollywood e ele exigiu levar Garbo na sua "bagagem". Ironicamente, o grande realizador fracassaria em Hollywood, ao passo que a sua protegida tornar-se-ia numa estrela e num mito. Durante décadas, o filme foi visto numa versão reduzida, com pouco mais de uma hora. Hoje, é possível vê-lo num restauro que o aproxima da versão original, com o triplo da duração.

► Sábado [22] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WINGS

Asas

de William A. Wellman

com Clara Bow, Charles "Buddy" Rogers,

Richard Arlen, Jobyna Ralston, Gary Cooper

Estados Unidos, 1927 – 138 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

A obra-prima que descolou o subgénero “filme de aviação” à guerra e ao melodrama, à qual “Wild” Bill Wellman se entregou de corpo e alma, num trabalho tão pessoal como arriscado, de todos os pontos de vista, foi-lhe entregue pela Paramount dada a experiência de aviador-combatente na frente da Primeira Guerra. Do ano em que o cinema começou a ser falado, é um dos grandes mudos, de que também houve versão sonorizada (em 1929, com efeitos sonoros e uma banda musical da Movietone), um épico de espetacular realismo que explora o papel do avião como arma de guerra, em que as batalhas aéreas atingem píncaros de coreografia cinematográfica (com câmaras no ar e atores aos comandos) e a experimentação tecnológica e artística é incessante. A história celebra o amor e a fraternidade, pondo a brilhar a (*It*) estrela Clara Bow ao lado de Buddy Rogers e Richard Arlen, em papéis de rivais tornados amigos. E revelando a cintilação futura de Gary Cooper. Primeiro melhor filme do ano da Academia de Hollywood (entregue ao produtor), também distinguido

pelos efeitos especiais (sem menção ao realizador que nem convite recebeu para a cerimónia). E de tão grande popularidade que eclipsou, na época, os custos concretos da grandeza da produção (em número de aviões, câmaras, atores e figurantes, meses de rodagem, entre demais accidentadas variáveis). As histórias de bastidores são imbatíveis, a influência na História do cinema, um caso sério. A apresentar em digital, o filme integra também o Ciclo “O Trilho do Gato – William A. Wellman”.



DEZEMBRO '25

Na Viagem ao Fim do Mudo de Dezembro visitamos três polos cruciais do cinema dos anos 20. Dos estúdios soviéticos, um dos mais fragorosos exemplos do cinema da Revolução, MAT, de Vsevolod Pudovkin. Foi também um filme famosíssimo e celebrado durante décadas até ter caído um pouco no esquecimento, como aliás sucedeu a Pudovkin, que hoje é moeda muito menos corrente do que já foi – redescobri-lo é, portanto, imperativo. No mesmo ano, em Hollywood, um emigrado alemão, Ernst Lubitsch, encenava a sua alma gémea, Oscar Wilde, com todo luxo e todos os recursos da grande produção hollywoodiana: LADY WINDERMERE'S FAN deve ser a melhor adaptação cinematográfica do *espírito* de Wilde, para além de ser um dos mais divertidos e inventivos filmes alguma vez feitos. O terceiro filme leva-nos aos estúdios londrinos onde o jovem Hitchcock começava a esculpir a fama que o tornaria no mais célebre realizador de todos os tempos. THE RING, filme “de juventude” que como toda a obra muda de Hitch vive na sombra de THE LODGER, é porventura ainda mais “hitchcockiano” do que esse e, como muitos consideraram (Truffaut, por exemplo), o momento em que a arquitectura visual do cineasta se começa a revelar, num esplendor que anuncia futuros esplendores.

► Sexta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE RING

de Alfred Hitchcock

com Carl Brisson, Lillian Hall-Davis, Ian Hunter

Reino Unido, 1927 – 108 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Quarta longa-metragem realizada pelo jovem Alfred Hitchcock (no mesmo ano da sua primeira obra-prima, THE LODGER), THE RING é tido como o seu primeiro filme totalmente pessoal. Com um argumento escrito de raiz por ele próprio, inspirado no mundo dos combates de boxe a que costumava assistir em Londres, e concentrado num triângulo (dois pugilistas e uma rapariga) de relações ambigüíssimas, por ele perpassam muitas sombras temáticas a que Hitchcock voltaria recorrentemente, como a culpa, circular como um anel (como um “ring”: o título designa tanto o anel como o palco do boxe), e que encontra nessa imagem do anel o “leitmotiv” em torno do qual tudo gira. A invenção visual do filme e a ligação dessa invenção com as proezas técnicas são plenamente hitchcockianas.

► Segunda-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MAT

A Mãe

de Vsevolod Pudovkine

com Vera Baranovskaya, Nikolai Batalov, Anna Zemcova

URSS, 1925 – 87 min

mudo, intertítulos em russo, legendados em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Pertencendo à extraordinária primeira geração do cinema soviético (com Eisenstein, Vertov, Dovjenko, Kulechov), Vsevolod Pudovkine será lembrado para sempre por três filmes realizados nos anos vinte: A MÃE, O FIM DE SÃO PETERSBURGO e TEMPESTADE NA ÁSIA. Baseado em Gorki, realizado num estilo menos vanguardista do que o de Eisenstein, A MÃE é a história de uma tomada de consciência política. Um jovem operário revolucionário é preso e a mãe acaba por se unir à luta do filho. O desempenho excepcional de Vera Baranovskaya no papel principal é um dos trunfos do filme e continua a entusiasmar os espectadores. Um dos raros filmes soviéticos à época distribuídos em Portugal, embora com muitos cortes.



► Terça-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LADY WINDERMERE'S FAN

O Leque de Lady Margarida

de Ernst Lubitsch

com May McAvoy, Irene Rich, Ronald Colman, Bert Lytell

Estados Unidos, 1925 – 100 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Um dos pontos culminantes dos anos vinte da obra americana de Lubitsch, LADY WINDERMERE'S FAN também é importante por marcar o encontro de duas almas, se não gémeas, pelo menos muito semelhantes: Oscar Wilde e Ernst Lubitsch, próximos no humor, na elegância, na discussão aberta (embora polida e indireta) do sexo. Lubitsch adaptou a peça de Wilde sem nada perder do espírito, mas não guardando nem um só dos seus inúmeros e divertidos epigramas. O uso do espaço neste filme em nada é inferior ao que Lubitsch faria de mais prodigioso no período sonoro.



continua